



# **HISTÓRIAS QUE O POVO CONTA:**

## **CONTOS DOS SERINGUEIROS**

**RAFAELA ESTEFANI DE OLIVEIRA PINHO**

**i** editora  
**itacaiúnas**

©2025 por Rafaela Estefani de Oliveira Pinho  
Todos os direitos reservados.

1ª edição

### **Conselho editorial / Colaboradores**

Márcia Aparecida da Silva Pimentel – Universidade Federal do Pará, Brasil  
José Antônio Herrera – Universidade Federal do Pará, Brasil  
Márcio Júnior Benassuly Barros – Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil  
Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil  
Wildoberto Batista Gurgel – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil  
André Luiz de Oliveira Brum – Universidade Federal de Rondônia, Brasil  
Mário Silva Uacane – Universidade Licungo, Moçambique  
Francisco da Silva Costa – Universidade do Minho, Portugal  
Ofélia Pérez Montero - Universidad de Oriente – Santiago de Cuba, Cuba

Editora-chefe: Viviane Corrêa Santos – Universidade do Estado do Pará, Brasil  
Editor e web designer: Walter Luiz Jardim Rodrigues – Editora Itacaiúnas, Brasil  
Editor e diagramador: Deivid Edson Corrêa Barbosa - Editora Itacaiúnas, Brasil

Diagramação e capa: Walter Rodrigues

Foto de capa: a autora

Ilustração: Lucas Lucena da Silva

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

P654h	Pinho, Rafaela Estefani de Oliveira
	Histórias que o povo conta: contos dos seringueiros / Rafaela Estefani de Oliveira Pinho [Recurso eletrônico] [Ilustração: Lucas Lucena da Silva]. – 1.ed. – Ananindeua: Itacaiúnas, 2025. 20p.: il. PDF; 11MB
	ISBN 978-85-9535-317-6 (E-book) DOI 10.36599/itac-978-85-9535-317-6
	1. Contos populares. 2. Folclore brasileiro. 3. Seringueiros. 4. Cultura amazônica. I. Título.
	CDD - 398.209811 CDU- 398.2(811)

#### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Folclore brasileiro – Contos populares da Amazônia: 398.209811
2. Folclore e contos populares do Brasil: 398.2(811)

---

Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).  
Esta publicação está licenciada sob [CC BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Esta obra foi publicada pela **Editora Itacaiúnas** em março de 2025.



Este livro foi criado com o propósito de preservar histórias vividas pelos seringueiros em uma época crucial para a formação do povo acreano. Você pode enxergá-las como lendas, contos ou invenções, mas os seringueiros que as contaram garantiram tê-las ouvido ou vivido, cada uma com seu valor único. Posso dizer que, pessoalmente, admiro profundamente essas histórias. Ao ouvi-las pela primeira vez, senti como se estivesse vivenciando os momentos em que ocorreram, o que aumentou ainda mais minha admiração pelos seringueiros e pela rica bagagem histórica e sociocultural que carregam.

Rafaela Pinho  
Autora

# PATROCÍNIO

LEI COMPLEMENTAR N 195/2022  
EDITAL DE ARTE E PATRIMÔNIO PAULO GUSTAVO N 007/2023



**GOVERNO DO**  
**ACRE**  
Trabalho para cuidar das pessoas



# SUMÁRIO

Apresentação	6
O mapinguari	7
A enorme onça	8
A cobra que pulava	9
A mãe da seringueira	10
dia de santo também se come	11
O gavião real	12
O batedor	13
O pacto com a mãe seringueira	14
O mistério da onça	15
Os defensores da floresta	16
A guariba dançante	17
O barulho da Matinta Pereira	18

# APRESENTAÇÃO

O Acre já foi uma potência na produção de borracha, extraída do látex da *Hevea brasiliensis*, a seringueira. Homens e mulheres desbravaram a floresta em busca desse recurso, enfrentando desafios como o trabalho pesado, doenças como a malária, e as duras condições impostas pelos donos dos seringais. As promessas de vida farta, feitas para atrair migrantes nordestinos, raramente se cumpriam.

Apesar das dificuldades, esse período foi essencial para a formação sociocultural do povo acreano. Os seringueiros e suas famílias foram o alicerce dessa época, marcada por lutas e conflitos, mas também por perseverança. Suas histórias moldaram a identidade do Acre e seu pertencimento ao Brasil.

Os laços criados, as práticas culturais e as tradições que nasceram naquele período sobrevivem até hoje, transmitidos de geração em geração. A memória desses tempos vive, viajando de boca em boca, não permitindo que essa fase tão significativa caia no esquecimento. Ela não é apenas um capítulo da história, mas a fundação de um povo.

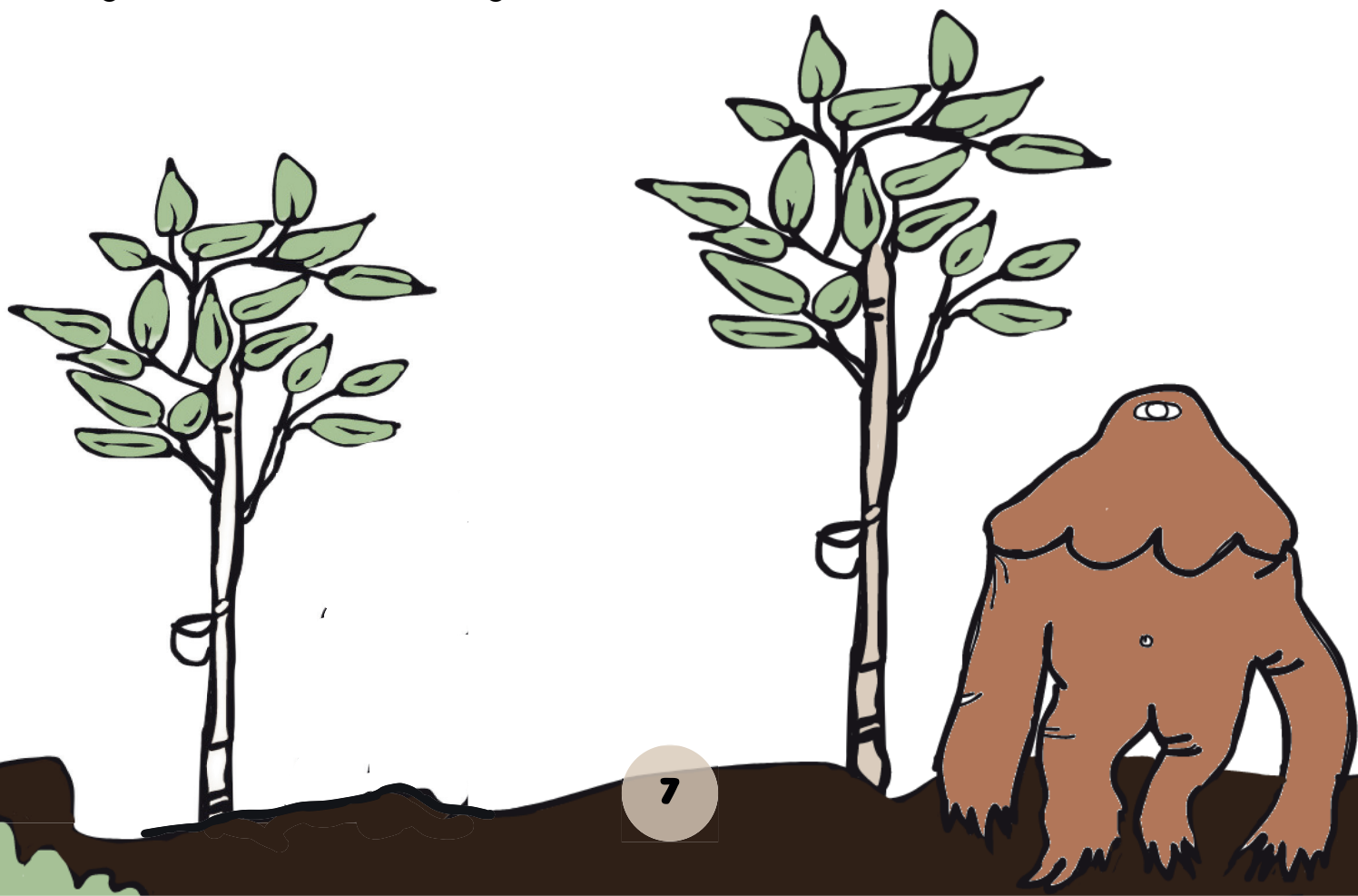
Os seringueiros não apenas faziam história, eles também a narravam. Você já ouviu falar das lendas daquele tempo, como o conto do Batedor, da Mãe da Seringueira, da Matinta Pereira ou das onças ferozes? Este livro reúne contos baseados em fatos ocorridos durante a atividade de extração de látex nos seringais acreanos.

Ex-seringueiros e seus familiares compartilharam, voluntariamente, suas memórias, fornecendo o material para a criação desta obra. As histórias foram transcritas com o máximo de fidelidade, com apenas pequenas adaptações para garantir clareza e coesão no texto.



# O MAPINGUARI

Em Mapinguari eu não acredito, mas os outros acreditavam. As histórias do Mapinguari são uma graça. O povo falava que era um ser sobrenatural enorme, com o rastro redondo como uma mão de pilão e um grito muito forte e alto. Seu corpo era todo coberto de casco, e para matá-lo era preciso alvejá-lo no olho, que ficava no meio da testa ou no umbigo. Já ouvi relatos de que ele se escondia nas matas que rodeavam as estradas de seringa, nas terras firmes, nos grotões e nas margens dos rios, causando terror nos seringueiros e índios, que tinham muito medo, pois era muito difícil acertar com suas flechas ou armas os pontos mortais do Mapinguari. Diziam que seu corpo era muito parecido com o corpo humano, com unhas muito afiadas. E se ele gritasse e alguém respondesse, ele viria ao encontro dessa pessoa. Tinha um mau cheiro tão forte que, se a pessoa subisse em uma árvore e não tivesse como se segurar, cairia embriagada com o odor.



# A ENORME ONÇA

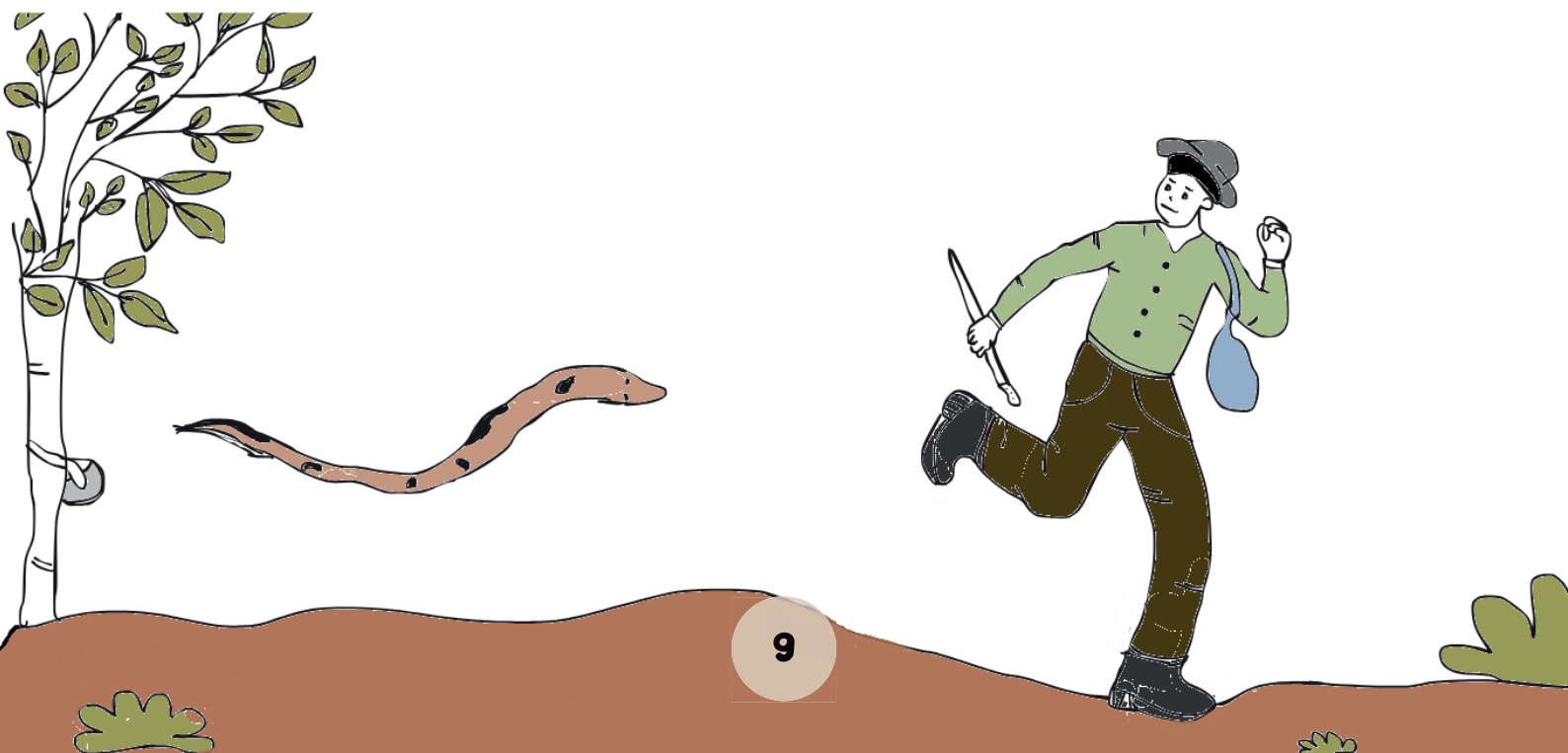
Numa das colocações distantes do barracão, moravam dois seringueiros. Cada um tinha suas estradas de seringa, nas quais deveriam colher o leite todos os dias, exceto no domingo. Porém, um dos seringueiros resolveu cortar seringa justamente no dia em que não podia. Ele escolheu as seringueiras que ainda não haviam sido cortadas no tronco. Então, abaixou-se e começou a fazer o corte bem embaixo da árvore. Foi aí que percebeu algo atrás de si e, ao virar-se lentamente, para sua surpresa, deu de cara com uma onça enorme, uma onça-pintada, de braços abertos, pronta para atacá-lo. O seringueiro rapidamente segurou as patas da onça com toda a força que tinha, e começaram a lutar. A onça ia para um lado, o homem também; a onça rosnava, o homem gritava. E assim foi por alguns minutos, pois o seringueiro sabia que, se soltasse as patas da onça, ela o mataria. Na esperança de receber ajuda ou de assustar a onça, o homem começou a gritar o mais alto que podia e, para sua sorte, seu amigo estava caçando por perto. Ao ouvir os gritos de desespero, conseguiu salvá-lo da onça. O pobre homem agradeceu muito e ficou feliz da vida por permanecer vivo, mas as lembranças dessa aventura com certeza jamais foram esquecidas.





# A COBRA QUE PULAVA

Era uma vez um seringueiro que saiu para cortar as seringueiras, e, em determinado lugar, havia uma enorme cobra esticada no chão. O homem seguiu seu caminho, e a cobra ficou lá. Ele cortou seringa o dia inteiro e, ao retornar para casa, para sua surpresa, a cobra ainda estava no mesmo lugar. Curioso, aproximou-se para verificar se a cobra estava morta e, então, foi surpreendido pelo avanço repentino da cobra em sua direção. A única solução era correr, mas, ao olhar para trás, percebeu que a cobra não se arrastava, ela pulava. E o pulo era do tamanho do seu corpo, ou seja, avançava muito depressa. Já sem forças para correr, o homem caiu. A cobra o laçou, mas não conseguiu mordê-lo, pois havia laçado um tronco de árvore junto. O homem e a cobra então começaram uma luta pela vida: enquanto a cobra apertava o laço, o homem apertava sua cabeça. Quando ambos cansavam, se soltavam, e depois continuavam. Já praticamente derrotado, o homem lembrou-se de Santo São Francisco de Assis, a quem pediu ajuda, e foi prontamente socorrido. Ele voltou para casa assustado, mas muito feliz por estar vivo.



# A MÃE DA SERINGUEIRA

Essa é a história de dois irmãos seringueiros, que cortavam na mesma estrada. Um era muito ambicioso, e o outro, calmo e paciente. O irmão paciente conseguia coletar muito leite por dia, enquanto o ambicioso sempre conseguia uma quantidade pequena. Irritado com essa situação, o irmão ambicioso decidiu pedir ajuda à Mãe da Seringueira, gritando seu nome bem alto no meio da floresta. Nesse momento, começou uma enorme ventania, acompanhada de barulhos de galhos quebrando, e surgiu uma mulher tão alta quanto as maiores seringueiras, com as mesmas marcas que ficam nelas após o corte. Ela perguntou quantos litros de leite ele gostaria de coletar por dia. Mas, tomado pelo medo ao ver aquela cena e ouvir aquela voz, o pobre homem apenas conseguiu responder que queria colher um litro de leite por dia. E assim aconteceu: durante toda a sua vida, ele só conseguiu coletar um litro de leite por dia, pois, ao deixar a ambição falar mais alto, resolveu mexer com as forças da natureza.



# DIA DE SANTO TAMBÉM SE COME

Certo dia, dois seringueiros estavam trabalhando em uma colocação de seringa, e um disse ao outro:

- Fulano, hoje é dia de São Francisco. Você vai caçar hoje?

- Claro que vou, dia de Santo também se come! - respondeu.

E assim aconteceu: o homem pegou sua espingarda e saiu para caçar. O outro foi para a estrada cortar seringa e, quando já tinha avançado floresta adentro, ouviu um barulho assustador que o deixou todo arrepiado. Ele então pensou que o barulho só poderia ser do Mapinguari. Com medo, sentou-se embaixo de uma árvore e, para sua surpresa, percebeu que, bem à sua frente, alguém estava caminhando.

Era o Mapinguari, que havia capturado seu amigo e, enquanto caminhava, cantava:

- Dia de Santo também se come.

Sem poder derrotá-lo, ele apenas se escondeu, abrindo caminho para a fera continuar seu percurso, e assim perdeu para sempre seu grande amigo."



# O GAVIÃO REAL

Essa é a história de um seringueiro que saiu para cortar seringa sozinho na madrugada. Não era de costume, mas, nesse dia, ele subiu no topo da seringueira para aproveitar ainda mais a árvore, fazendo cortes e coletando o leite. Estava tão distraído que não ouviu o barulho de um enorme gavião se aproximando. Mas não era um gavião qualquer, era o imenso gavião-real, com suas garras afiadas, capazes de levantar até 6 quilos do chão. O animal agarrou o seringueiro pelos cabelos, que, muito assustado, não sabia o que fazer, pois não teve tempo de assimilar a situação.

A única coisa que conseguiu fazer foi segurar os galhos da seringueira com toda a força, na esperança de que o gavião o soltasse e fosse embora. E assim, para a felicidade do homem, aconteceu. O gavião-real não teve forças para levantá-lo e foi embora, deixando apenas as marcas de suas garras no pescoço e nas costas do seringueiro, que, assim como suas cicatrizes, jamais conseguiu esquecer essa situação tão assustadora e inacreditável.



# O BATEDOR

Essa é a história de dois seringueiros que viviam em uma colômbia. Um deles era muito paciente, enquanto o outro se gabava de não ter medo de nada, sempre afirmando sua coragem. Certa noite, o silêncio da floresta foi rompido por um som insistente, como o de um batedor, ecoando na escuridão. O seringueiro corajoso, irritado com o barulho, começou a proferir ofensas, enquanto seu companheiro, tomado pelo medo, pedia calma. Mesmo assim, o seringueiro destemido continuou esbravejando, desafiando o desconhecido, até que, provocador, sugeriu um encontro com a entidade responsável pelo som no meio da madrugada. No horário combinado, ele se preparou: colocou a faca na cintura, recarregou o rifle, calçou as botas e desceu em direção à mata escura. Seu amigo, desesperado, implorou para que ele não fosse. No entanto, confiando em sua coragem, o seringueiro seguiu floresta adentro. Na manhã seguinte, ele ainda não havia retornado. Seu amigo, já angustiado, decidiu procurá-lo. Ao chegar à margem de um igarapé, avistou a faca do amigo cravada no barro e sinais de uma possível luta. Contudo, não havia mais nenhum vestígio do companheiro, que nunca mais voltou. Até hoje, ninguém sabe o que realmente aconteceu naquela noite. Mas uma coisa ficou clara: nunca se deve zombar dos mistérios da natureza.



## O PACTO COM A MÃE SERINGUEIRA

Em uma comunidade, vivia um seringueiro extremamente ambicioso, decidido a aumentar a quantidade de látex que coletava todos os dias, a qualquer custo. Um dia, outro seringueiro lhe sugeriu fazer um pacto com a Mãe Seringueira, garantindo que, assim, ele seria capaz de colher grandes quantidades de látex e enriquecer com sua venda. Movido pela ganância, o seringueiro decidiu seguir o conselho. Certa vez, ele foi para as trilhas de corte e começou a chamar pela Mãe Seringueira. De repente, a floresta mergulhou em um silêncio profundo: os pássaros pararam de cantar e, ao longe, o único som audível era o vento, que soprava cada vez mais forte entre as árvores, crescendo até se transformar em uma ventania violenta, capaz de derrubar troncos. O vento continuava a intensificar-se, acompanhado de gritos estranhos que o seringueiro não conseguia identificar. Incapaz de suportar o medo, o homem fugiu pela mata sem olhar para trás, sem coragem de esperar pela Mãe Seringueira e fazer o pedido que tanto sonhara.



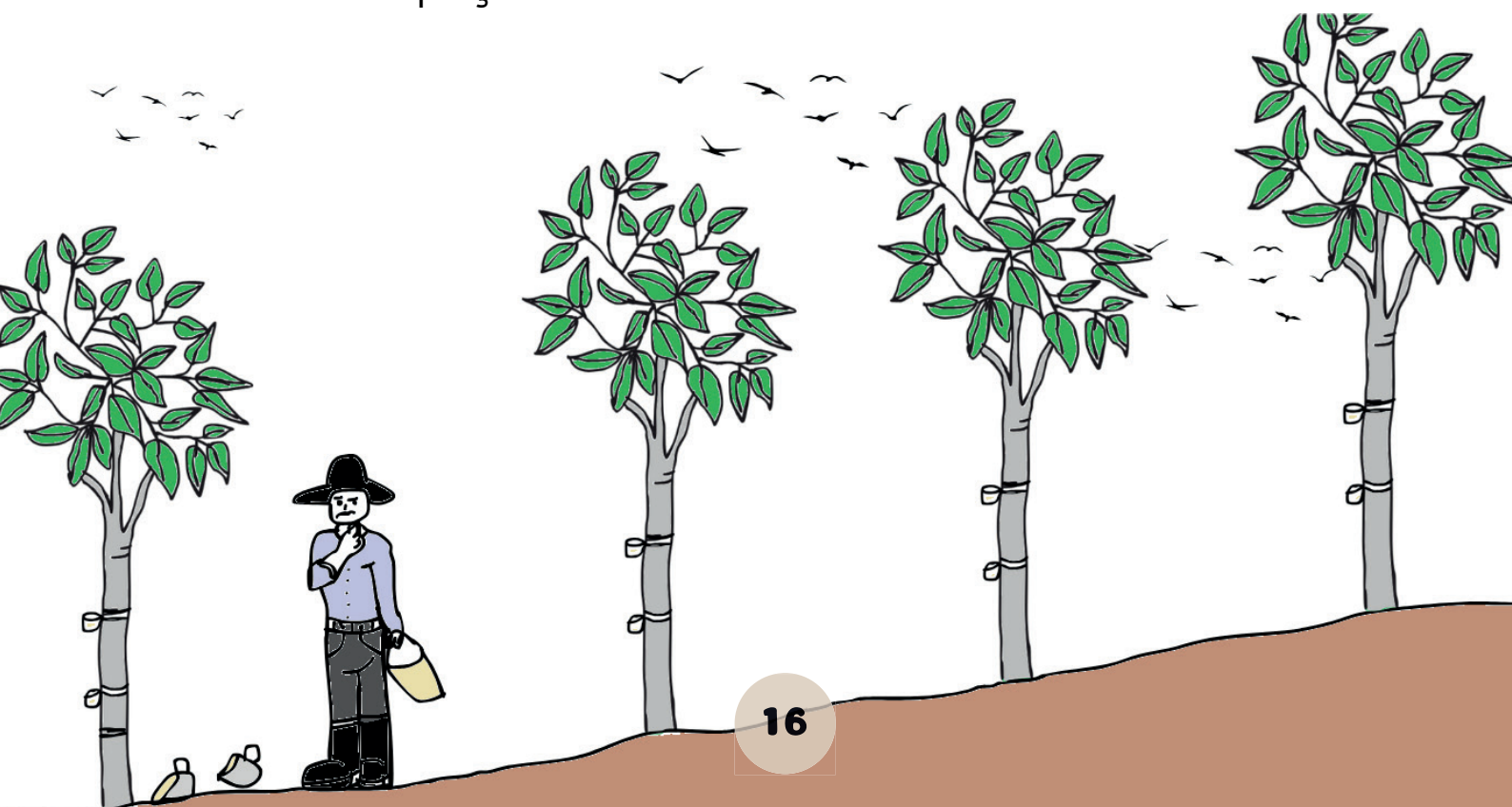
# O MISTÉRIO DA ONÇA

Essa história aconteceu comigo enquanto eu realizava o corte da seringueira para coletar o látex. Eu estava tão concentrado no meu trabalho que não percebi nenhum som de aproximação. Quando me virei de costas para a árvore, para minha surpresa, deparei-me com uma enorme onça me observando. O susto foi tão grande que quase não consegui me manter em pé. Naquele momento, fiquei paralisado de medo, mas logo percebi que ela não tinha a intenção de me atacar, pois, se quisesse, já teria feito, e eu não teria como me defender. Com muito cuidado, alcancei minha espingarda e mirei em sua direção, mas a onça simplesmente se virou e começou a se afastar. Como ela não tentou me atacar, decidi não atirar. Mesmo assim, até hoje considero essa história um grande mistério, já que a onça é um animal feroz e havia relatos de ataques em comunidades vizinhas.



# OS DEFENSORES DA FLORESTA

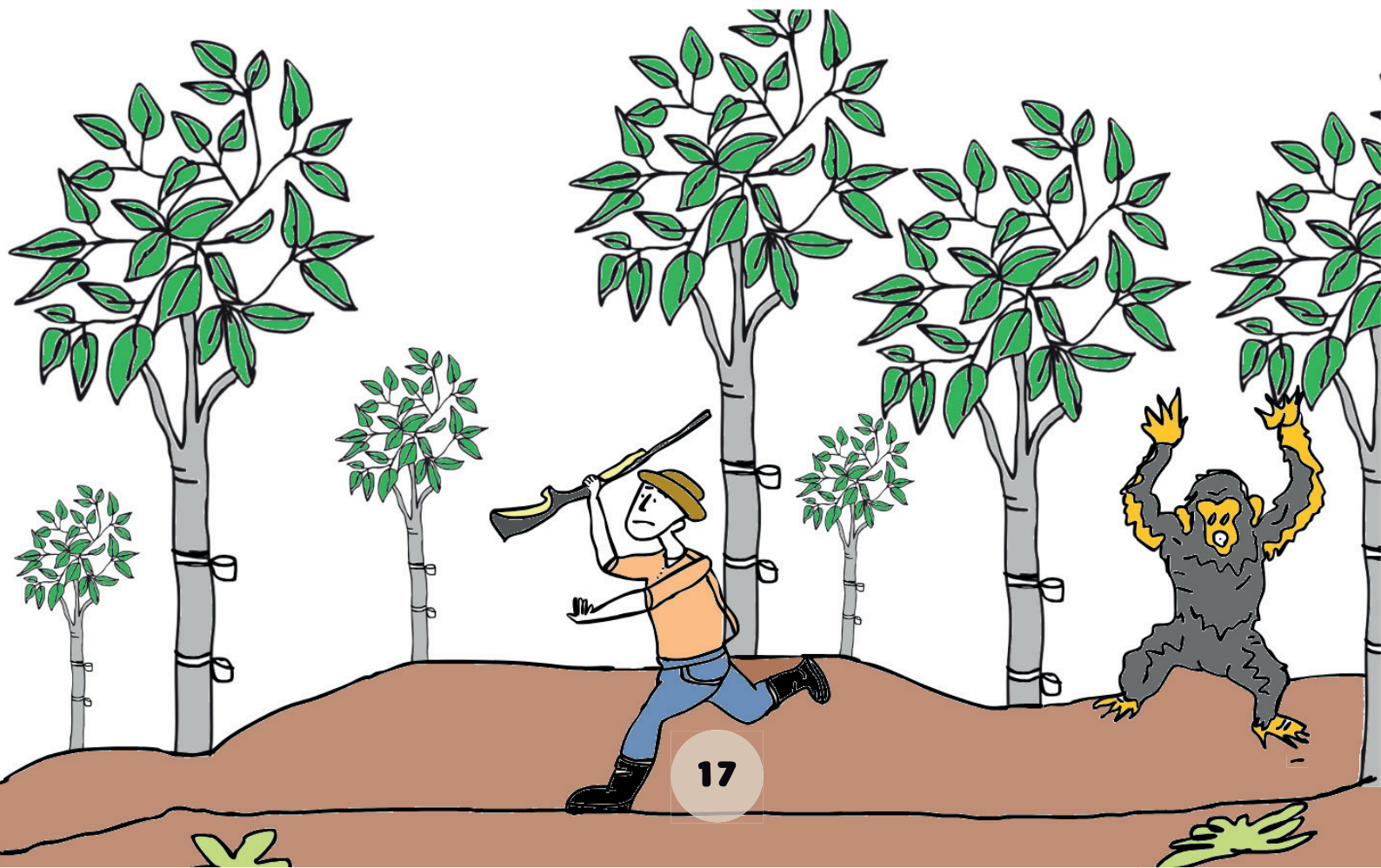
Quando os homens começaram a explorar as seringueiras, a floresta era densa, repleta de árvores e animais. Muitas trilhas foram abertas para a extração de látex, com inúmeros homens empenhados no trabalho. Com o tempo, os seringueiros começaram a perceber o desaparecimento de seus pertences. Quando saíam de madrugada para colher o látex, deixavam suas comidas, galões de água e ferramentas guardados nos troncos das árvores ou pendurados em galhos. No entanto, ao retornarem, não os encontravam mais. Geralmente, eles se organizavam em grupos, instalando recipientes para coletar o látex e voltando depois para recolhê-lo. Porém, quando retornavam, os recipientes não estavam mais lá. O sumiço dos objetos intrigava os seringueiros, até que começaram a surgir relatos de que animais como macacos, iraras e pássaros estavam mexendo nos pertences, levando-os ou deixando-os bagunçados. Alguns seringueiros acreditavam que esses animais estavam, de alguma forma, tentando proteger a floresta da ocupação humana.





# A GUARIBA DANÇANTE

Essa história foi vivenciada por meu pai em um dia em que ele foi para a estrada cortar seringa. Enquanto caminhava, ouviu um barulho estranho e parou para procurar o que poderia ser. Logo avistou uma guariba que, para sua surpresa, dançava e cantava repetidamente: 'Carimbó, carimbó.' Ao perceber sua presença, a guariba continuou dançando e acenando para ele. Assustado com a cena, meu pai tentou atirar nela, mas a criatura não parou. Pelo contrário, começou a segui-lo, dançando e cantando cada vez mais perto, apesar dos tiros. Foi então que meu pai percebeu que aquilo era algo sobrenatural e correu o mais rápido que pôde até chegar em casa. A guariba o seguiu até os arredores da casa e depois desapareceu na floresta. Aqueles tempos foram divertidos, mas também ocorreram coisas inexplicáveis que só quem viveu lá pode entender.



# O BARULHO DA MATINTA PEREIRA

Na época da maior exploração da borracha no Acre, eu era uma das mulheres seringueiras que acompanhavam meu pai nas estradas, enfrentando o trabalho pesado com garra e coragem. Um dia, minha mãe adoeceu e, como filha mais velha, fiquei responsável por resolver a situação. Meu pai pediu que eu e meu irmão mais velho fôssemos buscar remédios em outra casa, e isso aconteceu à noite. Pegamos nossa poronga e seguimos o caminho. De repente, ouvimos um assobio forte, daqueles que arrepiam até a alma. Era o assobio da Matinta Pereira. Meu irmão, apavorado, quis desistir, mas, mesmo com medo, eu o encorajei a continuar comigo, pois precisava resolver aquilo. Quando passamos pelo igarapé do Tio Bonfim, ouvimos o som de alguém batendo na água, mas, ao olhar para trás, não vimos ninguém. Assustados, seguimos em frente, e o barulho nos acompanhou o tempo todo. Só parou quando chegamos em casa com os remédios. O medo foi grande, mas a vontade de ver minha mãe curada era ainda maior. O povo dizia que aqueles barulhos eram da Matinta Pereira.

